

O RELACIONAMENTO ENTRE JESUS E SUA MÃE, NOS SINÓTICOS E EM JOÃO

Pe. Ney Brasil Pereira
Professor de Exegese

Introdução

Não há quem, por mais vezes que tenha lido os evangelhos sinóticos, não estranhe a dureza ou, pelo menos, a distância, das respostas ou referências de Jesus a sua Mãe, ao longo da vida pública, a começar da primeira palavra que sai dos seus lábios de adolescente, no Templo, em Lc 2,49: "Porque me procuráveis? Não sabíeis que eu devo estar na casa de meu Pai?"

Essa dureza, mesmo, de certo modo, rejeição, aparece também na primeira parte do Jo 2,4 — "Mulher, que há entre mim e ti?" — o versículo joanino cuja segunda parte encerra a misteriosa guinada que aponta para uma "hora" que ainda não chegou, mas vai chegar. E, quando chegar, então sim (cf. Jo 19,25-27), estabelecer-se-á o relacionamento definitivo entre Mãe e Filho, entre a Mulher e o(s) Discípulo(s) de seu Filho.

Mas vejamos, primeiro, as poucas passagens sinóticas que abordam o relacionamento entre Jesus e sua Mãe, para, num segundo momento, analisarmos a mariologia joanina e, assim, chegarmos a uma conclusão.

1. *Passagens sinóticas* (excetuando-se os evangelhos da infância).

São poucos os textos a serem analisados. Além de Lc 2,49-51 (que apresenta um episódio entre a infância e o ministério público), temos apenas, no período do ministério, o episódio de Mc 3,31-35 e seus paralelos (Mt 12,46-50 e Lc 8,19-21) e, ainda, a bem-aventurança da Mãe de Jesus em Lc 11,27-28.

1.1. Começemos por Lc 2,48-51. É o diálogo que conclui o episódio da perda e do encontro do menino Jesus no Templo. Deixando de lado as questões da origem desse relato, se faz parte integrante do material anterior, se é acrescentado depois de uma primeira conclusão já esboçada em 2,40 e repetida em 2,52 etc., focalizemos a resposta de Jesus à queixa de Maria: "Filho, porque agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos." A resposta do menino, já "bar-mitzvá", isto é, já capaz de participar plenamente do culto sinagoga, rompe de repente com o nível humano-familiar da queixa materna. Ele contesta a busca angustiada de seus pais adotivos e fala no seu dever, na *necessidade* (1) de "estar na casa do seu Pai" (2), quer dizer, do Pai celeste — distinto do pai adotivo que ali se encontrava. É evidente que esta palavra surpreende. E até choca, no sentido de expressar uma distância inesperada, em relação a sua mãe e ao pai adotivo, no menino aliás normalmente a eles "submisso" (v.51).

ela deve aprender, e aceitar, que a relação de Jesus com o Pai está acima dos vínculos familiares.

Note-se, é verdade, que a distância é expressa não diretamente em relação a Maria, mas a ambos: "Porque me procuráveis?" Tanto assim que a incompreensão expressa no v.50 se refere a ambos, Maria e José: "Eles, porém, não compreenderam. . ." Portanto, se ambos não entendem, Maria está incluída nessa incompreensão, apesar da sua experiência única da Anunciação e do Natal, doze anos antes. Como explicá-lo? É o próprio Lucas quem nos ajuda, referindo-se expressamente a Maria no

v.51b: "Sua mãe, porém, guardava a lembrança de todos esses fatos (lit. todas essas "palavras") em seu coração", observação que ele já fizera antes, no v.19 do mesmo cap. 2, ao narrar o nascimento em Belém e a visita dos pastores: "Maria, porém, guardava todas essas coisas (lit. "palavras"), meditando-as em seu coração." Quer dizer, a figura de Maria que Lucas nos delineia, aqui como em outras passagens do seu evangelho da infância, é a figura da mulher silenciosa, absorta em Deus, que raramente se expande (cf. a exceção luminosa do Magnificat), e que conscienciosamente se põe à escuta, procurando entender. Pela primeira vez, no relato lucano, Maria começa a perceber o significado da profecia de Simeão proferida doze anos antes: "Uma espada te atravessará a alma" (2,35); ela deve aprender, e aceitar, que a relação de Jesus com o Pai está acima dos vínculos familiares. Mas precisa de tempo para isso. "O discipulado completo não é possível, enquanto a palavra de Deus não for proclamada em sua plenitude, não só pelo ministério de Jesus, mas também por sua cruz e ressurreição (3). É por isso que Lucas nos faz reencontrá-la depois, no Cenáculo, unida aos discípulos que antes também estiveram perplexos e que agora formam a comunidade pós-pascal (cf. At 1,13-14).

1.2. Prossigamos com Mc 3,31-35 e seus paralelos. Nesta perícopa marcana, ainda mais se a lemos desde 3,20s, defrontamo-nos com a passagem "menos mariológica" de todo o Novo Testamento. De fato, ante o anúncio de que "a mãe e os irmãos" de Jesus estão lá fora e o procuram, ele pergunta: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?", sem o mínimo de atenção, pelo menos, para com sua mãe. E logo, percorrendo com o olhar — o olhar de Jesus em Marcos! — os que estavam sentados ao seu redor, a ouvi-lo, disse: "Eis minha mãe e meus irmãos! Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe!"

A desatenção de Jesus para com sua mãe, aqui, é evidente. E, considerando-se o restante do texto de Marcos, não há qualquer indício de amenização, de abrandamento, dessa distância entre o filho e a mãe. Por quê? A explicação estaria no fato de Marcos apresentar o Messias rejeitado, rejeitado até pelos seus, incluindo-se entre "os seus" até sua mãe, tendo discípulos que até o fim não o entendem, não entendendo nada nem as próprias mulheres que recebem o anúncio da Ressurreição na manhã da Páscoa e que, com medo, não contam nada para ninguém? (Mc 16,1-8). Ou será que a tradição marcana, seguida em parte por Mateus, só tinha notícia de um relacionamento tenso entre Jesus e "seus irmãos", tradição que encontramos também em Jo 7,1-10, especialmente no v.5? O fato é que temos aqui uma passagem inegavelmente difícil para os mariólogos, embora essa dificuldade se amenize pela comparação com Mateus e, mais ainda, com Lucas. Isto sem falarmos, por enquanto, de João.

Mas voltemos ao texto de Marcos. Parece que Mc 3,31-35 inicia já em 3,20s, quando o evangelista se refere aos "parentes" de Jesus que "saíram para detê-lo", por acharem que ele estava "fora de si". Segue, numa técnica de composição que Marcos usa mais vezes, intercalando um episódio no relato já iniciado (4), a discussão com os escribas de Jerusalém que o acusavam de estar "possesso por Beelzebu": Mc 3,22-30. Prossegue então o evangelista a referência aos "parentes" de Jesus, agora identificados como "sua mãe e seus irmãos" que, ficando "de fora" (enquanto Jesus, julgado por eles "fora de si", estava "dentro". . .), mandam chamá-lo. Então, nos vv. 34-35, Jesus define sua verdadeira família, marcada não por laços de carne e sangue (cf. Jo 1,13), mas pelo cumprimento da vontade de Deus. "Embora a oposição entre 'fora' e 'dentro' indique que os membros da sua família física não estão, agora, entre os que Jesus considera sua família escatológica, a passagem em si mesma não exclui os membros da família física de uma participação *eventual* na 'família escatológica'. . ." (5)

Como quer que seja, agora, nesta passagem e no contexto geral de Marcos, esta única referência de Jesus a sua mãe nos deixa insatisfeitos, embora reconheçamos que a dureza da sua linguagem é propositalmente paradoxal, relativizando o valor dos laços familiares humanos (cf. Lc 11,27-28).

1.3. Vejamos agora a passagem paralela de Mt 12,46-50. Supondo, com a quase unanimidade dos exegetas, que Mateus foi escrito depois de Marcos, a figura mateana de Maria é enriquecida pelas belas, embora sóbrias, lacônicas, referências dos relatos da infância, nos capítulos 1 e 2. Também por isso, Mateus, que reproduz quase literalmente Mc 3,31-35, no entanto ameniza o impacto "antimariológico" de Mc. Pois ele omite a cena introdutória, de Mc 3,20-21, onde "os seus", possivelmente incluindo Maria, saem para detê-lo, por acharem que ele esteja "fora de si" (cf. supra).

Além disso, Mateus diz só uma vez que "a mãe e os irmãos" de Jesus estão fora e menciona explicitamente os *discípulos*, no v.49, em vez de "os que o rodeavam", de Mc 3,34. Outro detalhe redacional mateano é a expressão "vontade de meu Pai que está nos céus" (Mt 12,50), em contraste com a "vontade de Deus" em Mc 3,35. "A ênfase de Mateus, portanto, recai sobre a família escatológica de discípulos, ao passo que a família física serve mais de catalisador que de contraste." (6) Ainda assim, a palavra de Jesus, por causa do paradoxo, continua a ferir a nossa sensibilidade mariológica, sem que percebamos qualquer outro elemento amenizador, excetuando-se Mt 1 e 2, em todo o restante do evangelho segundo Mateus.

1.4. A versão lucana do episódio de Mc 3,31-35 encontra-se em Lc 8,19-21, e é caracterizada pelo contexto e a forma positiva com que Lucas apresenta a declaração de Jesus sobre a sua verdadeira família. Lucas elimina todo elemento hostil do contraste entre a mãe e os irmãos de Jesus "fora" e seus discípulos "dentro": aqueles não podiam aproximar-se "por causa da multidão" (8,19). Em Lucas também não se encontra a pergunta "Quem é minha mãe" nem a resposta "Eis aqui minha mãe", que em Marcos e Mateus acentuam o contraste. A sentença de Jesus em Lucas parece englobar sua mãe e irmãos entre "os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática", ainda mais levando-se em conta o que Lucas diz de Maria em 1,38: "faça-se em mim segundo a tua palavra"; em 1,45: "bem-aventurada aquela que acreditou"; e em 2,19 e 2,51: "Maria guardava todas essas coisas" (lit. "palavras").

Isto é, Lucas, embora não omitindo o episódio que ele encontrou em sua(s) fonte(s), no entanto modifica-o profundamente, com certeza à luz da imagem luminosa de Maria que ele apresenta nos capítulos 1 e 2. Notar, ainda, que a sentença de Jesus em 8,21 (correspondente a Mc 3,35 e Mt 12,50), é modificada redacionalmente por Lucas para constituir como que um eco ao final da explicação da parábola do semeador, alguns versículos antes: "O que está em terra boa são os que, tendo ouvido a palavra com coração nobre e generoso, conservam-na e produzem fruto pela perseverança" (Lc 8,15). Ora, como já lembramos acima, por duas vezes Lucas observa que Maria "guardava cuidadosamente" essas palavras, "meditando-as em seu coração" (Lc 2,19 e 2,51). Uma última observação: "Esta primeira e única menção dos 'irmãos' de Jesus neste episódio, e a associação deles à mãe, em termos de discipulado, antecipa At 1,14, preparando a presença de 'Maria, mãe de Jesus, com seus irmãos', na comunidade que crê". (7)

1.5. A bem-aventurança da Mãe de Jesus, em Lc 11,27-28. À primeira vista, e isolada do contexto de todo o evangelho de Lucas, a palavra de Jesus no v.28 pareceria até mais negativa, em relação a Maria, que a sentença de 8,21 sobre sua verdadeira "mãe e irmãos". E isto por causa do contraste entre a bem-aventurança da mulher do povo, que exalta a maternidade física de Maria (seu "ventre e seios", que tal filho geraram e amamentaram), e a palavra de Jesus, introduzida pela partícula adversativa

menouin (grego, comp. de *men* + *odn*): "Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática".

como todos os crentes, Maria tem de satisfazer a um critério de discipulado:

A contraposição, pelo que se vê, é semelhante à de Lc 8,19-21, onde Jesus minimiza o parentesco físico e exalta o parentesco espiritual. Aqui, porém, não podemos deixar de levar em conta as bem-aventuranças expressas por Isabel em relação a Maria, em Lc 1,42 e 45: no v.42b, Isabel proclama a bem-aventurança de Maria por ser a mãe de tal Filho, "fruto bendito do teu ventre", da "mãe do meu Senhor"; e no v.45 ela esclarece que Maria é bem-aventurada "porque acreditou" na palavra do Senhor. Isto é, uma bem-aventurança não exclui a outra, embora se contraponham. Assim, como Lc 1,45 não nega a bem-aventurança de 1,42b, tampouco Lc 11,28 nega a bem-aventurança de 11,27, embora esclareça as prioridades de Jesus. "Implicitamente, Lc 11,28 é um modo mais positivo de expressar que, como todos os crentes, Maria tem de satisfazer a um critério de discipulado: a audição atenta e a prática perseverante da palavra de Deus. Ela mesma havia predito: 'Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada' (Lc 1,48). Agora, sabemos porquê." (8)

2. A *mariologia joanina*. O evangelho segundo João concentra suas informações sobre o relacionamento entre Jesus e sua mãe em apenas duas passagens: o episódio das bodas de Caná, mais precisamente nos três versículos de Jo 2,3-5, e a cena junto à cruz, em Jo 19,25-27. Sem entrar em outros detalhes, analisaremos o alcance mariológico de ambas as passagens, para ver se João esclarece ou complementa os dados sinóticos.

2.1. O diálogo entre Jesus e sua mãe em Jo 2,3-5. Omitindo aqui toda a discussão sobre a origem deste relato joanino, sua historicidade, seu simbolismo, etc., notamos que a iniciativa para o diálogo parte de Maria, sempre chamada "a Mãe de Jesus", aqui e na cena junto à Cruz. Ela lhe observa, provavelmente sugerindo que tome alguma providência: "Eles não têm mais vinho" (2,3b). Segue, então, a resposta de Jesus em 2,4a, dissociando-se de sua mãe, num lóquion que corresponde, de certo modo, às sentenças que examinamos acima, na tradição sinótica: "Mulher, o que há entre mim e ti?" ou: "que tens tu a ver comigo?" ou: "que tenho eu a ver contigo?" (9) É uma repulsa ao pedido e repulsa, também, no momento, ao relacionamento humano de mãe para filho e vice-versa. Jesus a interpela como "mulher", da mesma forma como o fará também do alto da cruz em 19,26, e como o faz também com a samaritana em 4,21 e com a Madalena em 20,13. Acontece que, aqui e na cruz, essa interpelação de sua mãe como "mulher" não pode deixar de encerrar alguma alusão especial a Gn 3,15 e também, no cânon do Novo Testamento, a Ap 12. "Em outras palavras, as duas cenas joaninas que chamam Maria de 'mulher' podem ser vistas como uma reiteração temática de Eva, mas com um desenlace melhor". (10)

Segue, porém, a segunda parte do v.2,4, com a argumentação: "Minha hora ainda não chegou", para justificar o porquê da negação do relacionamento de mãe para filho *por enquanto*, enquanto não chega a "hora". De que hora se trata? (11) Para quem conhece o evangelho segundo João, a "hora" de Jesus é claramente identificada com a hora de sua paixão/glorificação. Esta hora ainda não tinha chegado em Jo 7,30 e 8,20, mas afinal chega a partir de 12,23, quando Jesus responde ao pedido dos gregos que querem vê-lo: "É chegada a hora em que será glorificado o Filho do Homem". A seguir, em Jo 13,1 e 17,1 se reafirma que a "hora" chegou. Ora, não é por acaso que a segunda cena mariana

do evangelho segundo João termine em 19,27, com a observação: "E desde aquela hora (em grego: *ap'ekteinês tes hôras*), o discípulo a recebeu em sua casa". Isto é, o relacionamento de mãe para filho será reconhecido, afinal, embora numa dimensão inesperada, quando a "hora" chegar.

Mas vem ainda o v.2,5, com a surpreendente palavra de Maria, aliás a última que os evangelhos registram: "Fazei tudo o que ele vos disser", instrução dela aos serventes. Como entendê-la, agora? Insistência inoportuna de sua parte, após a rejeição do seu pedido por parte do filho? Ou insistência meritória, semelhante à do funcionário real que insiste em seu pedido, apesar da primeira recusa de Jesus, em Jo 4,48-49? O fato é que, após essa instrução aos serventes, Maria desaparece do primeiro plano, enquanto Jesus assume a liderança da cena e realiza o milagre,

João, além de retomar o dado sinótico da rejeição de Maria na vida pública, introduz o elemento novo da sua fé invencível e do seu papel de intercessora.

"manifestando a sua glória"... Não é possível, neste episódio, mesmo ao mais crítico exegeta, deixar de reconhecer que João, além de retomar o dado sinótico da rejeição de Maria na vida pública, introduz o elemento novo da sua fé invencível e do seu papel de intercessora.

2.2. A cena junto à cruz, em Jo 19,25-27, ocupa o lugar central entre os cinco episódios que compõem o relato joanino da crucifixão, a saber: o Rei na cruz, v. 16b-22; a túnica inconsútil, v. 23-24; a Mãe e o discípulo, v. 25-27; a sede e o Espírito, v. 28-30; o Cordeiro trespassado, v. 31-37⁽¹²⁾. Novamente sem entrar nos detalhes da historicidade da cena, que não combina com o dado sinótico das mulheres que estão acompanhando o crucificado "de longe" (cf. Mc 15,40), e sem sabermos quem é o "discípulo amado" — certamente conhecido da comunidade joanina, como o "Mestre de Justiça" devia ser conhecido pela comunidade de Qumrã, embora não seja identificado pelo nome — nós temos aqui a primeira palavra do crucificado, segundo João: "Mulher, eis aí teu filho!" Essa palavra de Jesus é proferida quando ele vê sua mãe junto à cruz e, perto dela, o discípulo amado. Segue imediatamente a palavra ao discípulo: "Eis aí tua mãe", com a observação final: "E desde aquela hora — já chegada e consumada, enquanto em 2,4 'ainda não' tinha chegado" — "desde aquela hora, o discípulo a recebeu em sua casa" (19,27).⁽¹³⁾

João não torna mais a falar de Maria. Mas como não deixar de perceber que o relacionamento materno-filial é agora, a partir da consumação da "hora" de Jesus, não mais o relacionamento de carne e sangue entre ele e sua mãe, relacionamento relativizado na vida pública, tanto na tradição sinótica como na joanina, mas o relacionamento espiritual, não menos real, entre seu(s) discípulo(s), que são seus irmãos, e sua Mãe, que agora os gera entre dores, ao pé da cruz? Com outras palavras: "Em Caná foi negado a Maria um papel salvífico para o período do ministério; agora, quando Jesus é glorificado, ela ocupa seu lugar na história da salvação".⁽¹⁴⁾

Conclusão

É inegável o mal-estar que sentimos, à primeira vista, em nossa veneração pela Mãe do Senhor, diante dos textos sinóticos que procuramos analisar, embora muito sucintamente, na primeira parte deste estudo, focalizando as palavras de Jesus dirigidas ou referidas a Maria em textos como Lc 2,49, Mc 3,35 e paralelos e, ainda, Lc 11,28. Vimos, porém, que, com a exceção de Marcos, as restantes passagens sinóticas foram amenizando a aspereza de sua fonte. Finalmente, na segunda parte, exami-

namos a mariologia joanina que, após o susto inicial em Jo 2,4a, nos abre a perspectiva misteriosa da "hora" de Jesus em 2,4b, apresenta-nos o papel de Maria como pedagoga e intercessora em 2,5 e, finalmente, nos revela o desígnio do Senhor para com sua Mãe a nosso respeito, a partir da cruz, em Jo 19,25-27. Tudo isso, aliás, sem ignorar os outros notáveis dados sinóticos sobre Maria nos evangelhos da infância, tanto em Mateus como, sobretudo, em Lucas.

Felizes de nós, pois, se realmente nos empenharmos em "fazer a vontade de Deus", segundo Mc 3,35, e em "ouvir a palavra de Deus e pô-la em prática", segundo Lc 8,21, para nos incorporarmos à verdadeira, à "escatológica" família de Jesus, tornando-nos "seus irmãos, irmãs e mãe" (Mc 3,35). Felizes de nós se, como Maria, procurarmos guardar e meditar no coração as "palavras incompreensíveis" que formos ouvindo no caminho de nossa vida (cf. Lc 2,50-51). Felizes, ainda, se fizermos "tudo o que Ele nos disser" (Jo 2,5), agora, em nosso contexto de América Latina e neste final de milênio, para que a nossa água se transforme em vinho e a glória do Senhor se manifeste aos nossos olhos (Jo 2,11). Felizes, por último, se, como o Discípulo amado, a recebermos "em nossa casa" (Jo 19,27), como nossa Mãe — a Mãe verdadeira de todos os verdadeiros discípulos do Senhor.

NOTAS

- (1) O texto original emprega o verbo *dei*, "é preciso", termo que diz respeito ao destino de Jesus, em cujas predições da paixão reaparecerá: cf. Lc 9,22; 13,33; 17,25; 22,37.
- (2) Ou: de "ocupar-se com as coisas" de seu Pai, como é possível também traduzir.
- (3) BROWN, R. E., DONFRIED, K. P., FITZMYER, J. A., REUMANN, J., "Maria no Novo Testamento", Ed. Paulinas, SP, 1985, p. 165. Servi-me bastante desta obra, cujo original americano é de 1978, e é o resultado de um estudo ecumênico de exegetas de várias denominações. É interessante, também, para o nosso tema, o livrinho de BOJORGE, H., "A figura de Maria através dos evangelistas", Ed. Loyola, SP, 1977.
- (4) Cf. Mc 5,21-43: a cura da hemorroíssa, intercalada no relato da ressurreição da filha de Jairo; também Mc 11,12-25: a expulsão dos vendilhões do Templo, intercalada no episódio da figueira estéril.
- (5) "Maria no Novo Testamento", op. cit., p. 63s.
- (6) Id., p. 111.
- (7) Id., p. 184.
- (8) Id., p. 186.
- (9) E não, "Que temos nós com isso?" Ou, como traduz a Bíblia da Ed. "Ave Maria", na 37ª edição: "Isso nos compete a nós?" Ver também, *ibid.*, a Nota equivocada no rodapé.
- (10) "Maria no Novo Testamento", op. cit., p. 203.
- (11) Ver as interessantes ponderações de MIRANDA, J. P., em "O Ser e o Messias", Ed. Paulinas, SP, 1982, p. 94-97, sobre a "hora" de Jesus em João e as razões de sua recusa. Notar também o artigo de VANHOYE, A. em *Bíblica* 55 (1974) p. 157-167, defendendo a forma interrogativa da afirmação de Jesus: "Minha hora ainda não chegou?" E GALOT, J., num artigo sobre a *Fé de Maria* em *Civiltà Cattolica*, traduzido em "Cultura e Fé" n.º 35 (1986), p. 10-23, volta a insistir, nas p. 18-20, em que a "hora" que ainda não chegou é a do milagre...
- (12) BROWN, R. E., no seu grande Comentário (*The Gospel according to John*, II volume, Doubleday, N. York, 1970, p. 911) mostra que a cena referente a Maria ocupa o lugar central do relato, quer se distribua o texto em sete, quer em cinco cenas.
- (13) Cf. artigo de VOIGT, S., "O discípulo amado recebe a Mãe de Jesus eis tã tidia: velada apologia de João em Jo 19,27?", in *REB* 35 (1975) 4, 771-823.

(14) "Maria no Novo Testamento", op. cit., p. 229. Os autores encontram dificuldade nessa explicação, que para mim no entanto parece evidente. Cf. a dificuldade *ibid.*

Endereço do Autor:

Seminário Teológico de SC

Cx. Postal 5041

88041 — FLORIANÓPOLIS — SC

A VIRGINDADE DE MARIA

Pe. Orlando Brandes

Prof. de Teologia Moral

Introdução

Nestes tempos de "revolução sexual", próprios de uma sociedade onde o prazer foi erigido em ídolo, de uma sociedade afrodisíaca e falocêntrica, o tema da virgindade tem sabor de obscurantismo e repressão. Em tal ambiente a permissividade e o amor livre fazem do orgasmo o melhor símbolo de liberdade, felicidade e saúde, tornando anacrônico tudo o que se refere à castidade. O homem é profundamente condicionado pela cultura e pelo meio ambiente.

É preciso porém, resgatar os valores. Aliás, há uma grande fome e busca de valores nos dias atuais, como: a justiça, os direitos humanos, a ecologia, o desarmamento, a paz e tantos outros. Em relação ao sexo, busca-se hoje uma superação do tabu como também do permissivismo, ou seja, precisamos conquistar aquela "simpatia sexual" proposta por P. Ricoeur. Ir além do tabu e da revolução erótica.

Caberia aqui recordar Santo Agostinho: "Muitos se queixam que os tempos são maus. Mas lembrai-vos de que os tempos sois vós: mudai, e os tempos serão bons". Não se trata pois de amoldar-se aos tempos, mas de mudá-los. Não é possível desposar o espírito do tempo sem correr o risco de tornar-se logo viúvo. C.K. Chesterton, escritor anglicano convertido ao catolicismo, escrevia: "A Igreja é sempre a única a defender tudo o que é, no momento, estupidamente desprezado. Ela é a única coisa que poupa ao homem a escravidão degradante de ser produto de seu tempo".

O tema que estudaremos refere-se à virgindade de Maria, que não se limita só à abstenção de relações conjugais antes e depois do noivado e do casamento com José, mas inclui a "Virgindade no Parto", o parto Virginal e a virgindade perpétua, que na confissão católica está sintetizada nas palavras: "A Sempre Virgem Maria".

A Tradição entendeu que a virgindade de Maria é corporal, biológica, daí a expressão tradicionalmente conhecida: "permanecendo virgem, Maria deu ao mundo a Luz Eterna, Jesus Cristo Senhor Nosso". Mais ainda, já pelo final do século V aparece a fórmula ternária: "virgem antes do parto, no parto e depois do parto". Esta fórmula foi retomada por Paulo IV em 1555.

Igualmente pertence ao tesouro da fé a expressão "Natus ex Maria Virgine", quase sempre no sentido do parto virginal, isto é, milagroso.

A pesquisa que agora apresentamos sobre a virgindade de Maria, neste Ano Mariano, obedece ao seguinte esquema: Argumentos contra a Virgindade; Argumentos a favor da Virgindade; Reflexão teológica em torno do Tema e A Virgindade de Maria na Atualidade.

I — ARGUMENTOS CONTRA A VIRGINDADE

a) Há um verdadeiro conflito de interpretações a respeito do tema. Assim, segundo alguns, Jesus teria sido gerado por José e Maria, mas foi assumido por Deus, pelo Filho Eterno. Maria, segundo esta opinião, não é virgem biologicamente, Jesus teria nascido de José e a concepção virginal seria um acréscimo dos autores do Novo Testamento. (1)

b) Outros autores defendem uma concepção natural conjugal, sexual, sem que isto afete a divindade de Jesus. Assim escreve J. Ratzinger: "A filiação divina de Jesus não se apóia sobre o fato de que Jesus não tenha algum pai terreno. A divindade de Jesus não seria prejudicada no caso em que ele fosse gerado em matrimônio humano normal. A filiação divina não é um fato biológico, mas ontológico, acontecido no seio da Trindade desde sempre. Deus é sempre Pai, Filho, Espírito Santo. É o Filho Eterno que se fez homem" (2). A Bíblia não diz expressamente que Maria permaneceu Virgem. "A virgindade permanente de Maria após o nascimento de Jesus não é uma questão suscitada diretamente pelo Novo Testamento". (3)

c) Afirmar que Maria permaneceu Virgem significa que ela não teve mais filhos e que não consumou seu matrimônio com José. Além disso, durante o parto ela não teria perdido a virgindade biológica, pois ela é chamada "sempre virgem". A dificuldade aqui levantada é se Maria, nestas circunstâncias, teve uma plena maternidade e se Jesus teve um verdadeiro nascimento. Em outras palavras, uma plena maternidade exclui a virgindade no parto.

d) O contexto bíblico onde é revelada a concepção virginal, "O Evangelho da Infância", é de dúbia historicidade. Uma vez contestada a historicidade do texto, fica prejudicada a questão da virgindade". (4)

e) O silêncio do resto do Novo Testamento. Paulo refere-se a Jesus como "nascido de Mulher" (Gal 4,4), e não como nascido de uma virgem. João (1,13), fala de Jesus que "nasceu não da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (5). Não se pode afirmar que aí esteja revelada a concepção virginal de modo explícito, talvez implicitamente. O texto referir-se-ia à filiação divina de Jesus na sua preexistência e à ação do Espírito Santo na Encarnação.

f) A concepção e o parto virginais revigoram as heresias do Docetismo e do Gnosticismo, que admitem apenas um corpo aparente em Jesus.

g) Há quem veja na concepção virginal a reprodução dos mitos pagãos que retratam o matrimônio entre deuses e virgens.

h) Pode ser plausível a virgindade antes e depois do parto, mas a virgindade no parto requer intervenção milagrosa, o que obscurece o realismo de um nascimento verdadeiro. Assim, Santo Efrém admitia o parto natural mas ensinava que, depois, houve uma "restitutio in integrum". (6)

i) O Evangelho segundo Mateus deixa entrever que José, quando percebeu a gravidez de sua noiva, resolveu deixá-la. Seria suspeita de uma infidelidade? Como explicar a atitude de José?

j) Os estudiosos do dogma não são concordes em relação à qualificação teológica da virgindade. Para uns trata-se de um dogma definido; para outros, é "de fide"; outros ainda, "de fide divina et catholica".

l) Clemente de Alexandria escreve: "Alguns dizem que Maria depois do parto permaneceu virgem, enquanto outros, que agora são a maioria, defendem um parto totalmente normal" (Strom. VII, 16, 93, 7). Este depoimento leva-nos a concluir que até o final do século II, a concepção virginal não era doutrina geral, nem eclesiasticamente obrigatória, ao menos em relação à virgindade no parto. (8)